

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
CURSO GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - HAB. LICENCIATURA**

Rafael Pinheiro Silva

**Efeitos de um programa de conscientização esportiva de esportes adaptados
e deficiência sobre a percepção da deficiência em estudantes do ensino
fundamental**

Florianópolis, 2024

Rafael Pinheiro Silva

Efeitos de um programa de conscientização esportiva de esportes adaptados e deficiência sobre a percepção da deficiência em estudantes do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física – Hab. Licenciatura, Centro de Desportos/CDS, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física. Orientador: Prof.^a Dr^a. Bruna Barboza Seron

Florianópolis, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Rafael Pinheiro

Efeitos de um programa de conscientização esportiva de esportes adaptados e deficiência sobre a percepção da deficiência em estudantes do ensino fundamental / Rafael Pinheiro Silva ; orientadora, Bruna Barboza Seron, 2024. 49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Esportes adaptados . 3. Deficiência . 4. Conscientização . 5. Estudantes. I. Seron, Bruna Barboza . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

Rafael Pinheiro Silva

Efeitos de um programa de conscientização esportiva de esportes adaptados e deficiência sobre a percepção da deficiência em estudantes do ensino fundamental.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado(a) em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física -- Hab. Licenciatura

Florianópolis, 11 de dezembro de 2024

Coordenação do curso

Banca Examinadora

Profa. Dra. Bruna Barboza Seron
Orientadora

Profa. Dra. Gabriela Fischer
Instituição UFSC

Ricardo Dos Santos Mattei
Instituição ACESA

Florianópolis, 2024

Agradecimentos

Agradeço meus meu pai Rafael Valdori da Silva, minha mãe Lilliane oliveira Pinheiro, minha irmã, Maria Clara Pinheiro e minha Namorada/Esposa Pamella Pereira Militão pelo suporte tanto emocional quanto financeiro, para que eu conseguisse conciliar trabalho, estudo, projetos de extensão e a construção deste trabalho.

Agradeço, aos amigos que fiz durante o período de graduação, pelos incentivos trocados e conversas que entre os intervalos de aula deixavam o clima mais leve e agradável, retirando diversas risadas, principalmente em momentos de estresse e tensão.

Deixo um agradecimento especial as pessoas que participaram do projeto de extensão sábado no campus no período de 2024 o qual fui bolsista, o convívio com estas pessoas contribuiu de alguma maneira para a produção deste trabalho e em muito alterou pensamentos que possuía antes de iniciar no projeto, em especial Leonardo Goulart, treinador da Acesa, Bianca Ferreira, bolsista do projeto e a Prof. Bruna Barboza Seron, que também é a orientadora deste trabalho, agradeço pelas conversas e encontros do grupo de estudo o qual foram trocados diversos conhecimentos sobre esporte adaptado e deficiência, auxiliando indiretamente na produção deste trabalho, pelas conversas informais que sempre arrancavam boas risadas e deixavam o clima mais leve e agradável. Agradecer pela oportunidade de participar do projeto de extensão o qual proporcionou idas a campeonatos e viagens, neste período de graduação, além de vivenciar experiencias como auxiliar de uma equipe esportiva de desempenho, agregando na formação profissional.

Agradeço aos professores do curso de educação física da UFSC que muito contribuíram para minha formação.

Deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos a todos que de alguma forma contribuíram para a produção deste trabalho, aos amigos que de alguma maneira incentivaram a prosseguir e finalizar a graduação.

Resumo

O presente trabalho trata-se de um programa de conscientização sobre esportes adaptados e deficiência, realizado com estudantes do ensino fundamental o qual busca analisar o impacto deste programa em relação as percepções dos estudantes sobre a deficiência, onde analisará as percepções antes das intervenções e após. Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e quase experimental. A pesquisa foi realizada com turmas de 8º ano de uma escola particular de Florianópolis, cerca de 160 alunos. Para atingir o objetivo do trabalho, os estudantes responderam a um questionário sobre o que vinha à cabeça quando pensavam em deficiência. Assim, o trabalho se delinea da seguinte maneira: a) resposta do questionário pré-intervenção, b) Palestra, c) Intervenção onde os estudantes tiveram contato com esportes como Goalball, Vôlei Sentado, Handebol em Cadeira de Rodas e Corrida Guiada, d) Resposta do questionário pós-Intervenção. A metodologia utilizada foi análise temática de dados para realizar a análise dos dados coletados através dos questionários. Os resultados encontrados mostram que temas como características negativas, tipos de deficiência foram os mais citados o que mostra que os estudantes percebem a deficiência ainda como uma característica negativa ou associam as pessoas com deficiência a sua deficiência ou transtorno, exaltando a deficiência a partir do corpo. No momento pós-intervenção é possível perceber que as categorias como as citadas acima se mantêm em destaque, mas com uma diminuição em seus números e a categoria de características positivas sofre um aumento sendo a terceira mais citada, da mesma maneira que outras categorias surgem. Esses resultados indicam provavelmente que esse programa de intervenção possa ter influência positiva nas percepções dos estudantes sobre a deficiência. A implementação de programas mais duradouros e o desenvolvimento de políticas públicas ligadas aos esportes adaptados talvez possam ajudar a formar cidadãos mais conscientes e com percepções mais favoráveis as pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Deficiência, Estudantes, Esportes Adaptados, Percepções, Conscientização.

ABSTRACT

This study focuses on a program aimed at raising awareness about adapted sports and disability, carried out with elementary school students, which seeks to analyze the impact of this program on the students' perceptions of disability, by comparing their perceptions before and after the interventions. This research is characterized as qualitative and quasi-experimental. The study was conducted with 8th-grade classes at a private school in Florianópolis, involving around 160 students. To achieve the research objective, the students responded to a questionnaire about what came to their mind when thinking about disability. The study was organized as follows: a) pre-intervention questionnaire response, b) Lecture, c) Intervention where students had contact with sports such as Goalball, Sitting Volleyball, Wheelchair Handball, and Guided Running, d) post-intervention questionnaire response. The methodology used was thematic data analysis to analyze the data collected through the questionnaires. The results show that themes such as negative characteristics and types of disability were the most cited, indicating that students still perceive disability as a negative characteristic or associate people with disabilities with their impairment or disorder, emphasizing disability through the body. After the intervention, it is evident that the categories mentioned above remain prominent, but their frequency decreased, and the category of positive characteristics increased, becoming the third most cited. Additionally, other categories emerged. These results likely indicate that this intervention program could have a positive influence on students' perceptions of disability. The implementation of more lasting programs and the development of public policies related to adapted sports might help shape more conscious citizens with more favorable perceptions of people with disabilities.

Keywords: Disability, Students, Adapted Sports, Perceptions, Awareness

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Palestra.....	22
Figura 2: Alunos realizando a vivência de vôlei sentado.....	23
Figura 3: Vivência de Handebol em cadeira de rodas.....	23
Figura 4: Vivência de Corrida Guiada	23
Figura 5: Vivência de Goalball.....	24
Figura 6: Roda final de conversa com estudantes.....	24
Figura 7: Nuvem de palavras pré-intervenção.....	27
Figura 8: Nuvem de palavras pós-intervenção	27
Figura 9: Mapa mental pré-intervenção	31
Figura 10: Mapa mental pós-intervenção.....	31
Figura 11: Comparação Pré e Pós-intervenção.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Temas pré-intervenção	32
Quadro 2 - Temas pós-intervenção.....	33

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
1.1OBJETIVOS	9
1.1.1 Objetivo Geral	9
1.1.2 Objetivos Específicos:	9
2.JUSTIFICATIVA	10
3.REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1 MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.....	11
3.1.1 PROGRAMAS DE CONSCIENTIZAÇÃO NAS ESCOLAS	13
3.1.2 ESPORTES ADAPTADOS COMO CONTEÚDO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS	16
4.MÉTODOS	19
4.1 PARTICIPANTES	19
4.1.1 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS	20
4.1.2 ANÁLISE DE DADOS	24
5.RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5.1 PERCEPÇÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA	27
5.1.1 TEMATIZAÇÃO DA PERCEPÇÃO SOBRE A DEFICIÊNCIA	30
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APENDICE A – Instrumento de coleta de dados	44

1. INTRODUÇÃO

A prática de esportes adaptados é uma ferramenta valiosa para a inclusão e o desenvolvimento de pessoas com deficiência. No contexto educacional, a introdução de programas de intervenção que abordam esportes adaptados pode desempenhar um papel significativo na formação de atitudes e percepções positivas entre os alunos (Kiuppis, 2016), além disso, o esporte adaptado é um dos conteúdos que pode ser trabalhado na E.F. escolar como forma de favorecer a participação de pessoas com deficiência nas práticas esportivas (Costa e Silva, 2013).

Ao nos aprofundarmos nos temas ligados aos esportes adaptados e deficiência, observa-se que muitos trabalhos foram realizados visando apresentar os esportes adaptados nas aulas de E.F. escolar, além de tentar inclui-lo como conteúdo curricular, como observa-se nos trabalhos de Grenier (2018) e (2001), além do Grenier et al. (2018). Nota-se que a literatura apresenta enfoque principalmente em questões da inclusão destes conteúdos na E.F. escolar e na apresentação das modalidades aos estudantes, dito isto, este trabalho busca meios de contribuir para este debate, a fim de analisar as percepções dos estudantes sobre a deficiência. A conscientização sobre a deficiência e a prática de esportes adaptados estão fortemente ligados, visto que os esportes adaptados é um dos meios que podem ser utilizados como ferramenta para conscientização sobre a deficiência (International Paralympic Committee, 2006).

A pessoa com deficiência tem direito a igualdade de oportunidades sem que haja discriminação (Brasil, Lei nº 13146, Art. 4, 2015). Com isso, é preciso buscar caminhos para diminuir as barreiras sociais existentes a fim de propiciar a igualdade de direitos a estas pessoas (Organização das Nações Unidas [ONU], 2006, artigo 5º), visto que o número de pessoas com deficiência no Brasil chega a cerca de 8,9% da população, segundo dados do PNAD (2022). Deve se adotar medidas para que esta parte da população possa participar de atividades de recreação, lazer, jogos e esportes em igualdade de condições com os demais, inclusive em ambientes escolares (Organização das Nações Unidas [ONU], 2006, artigo 30).

Dito isto, os programas de conscientização através do esporte adaptado parecem desempenhar um papel que deve ser considerável neste processo de inclusão dos alunos contribuindo com o entendimento do esporte como possibilidade

e direito, além do que, esses programas favorecem a visibilidade do potencial e habilidade das pessoas com deficiência no esporte.

No trabalho de Grenier (2018) por exemplo, foi observado que há uma mudança de percepção dos alunos em relação à pessoa com deficiência mas que acaba não sendo uma mudança significativa, os autores associam isso as práticas de ensino não terem abordado de forma eficaz os conceitos com inclusão e características definidoras de habilidades em atletas com deficiência, vale destacar que os autores relatam que antes de participarem da intervenção os estudantes não sabiam da existência de esportes adaptados, e após acabam valorizando estes esportes e as habilidades necessárias para a prática. Os programas em geral são constituídos por uma conversa introduzindo o conteúdo a ser abordado, uma vivência prática de um ou mais esportes adaptados, pesquisas sobre a modalidade e diálogo com os estudantes, como pode ser observado nos trabalhos de Salerno, (2008) e Grenier, (2018).

Um destes programas de conscientização existente é o Dia Paralímpico Escolar (DPE) que consiste em, através de um evento organizado dentro da escola, criar consciência e entendimento sobre as pessoas com deficiência, através do esporte, de maneira criativa, dinâmica, divertida e flexível. Esse conceito se desenvolveu e espalhou-se em diversas escolas pelo mundo (International Paralympic Committee, 2006; Xafopoulos; Kudláček; Evaggelinou, 2009). Outros programas são vistos em forma de intervenções, sendo aplicados como conteúdos, nas aulas de E.D.F., como o trabalho de Salerno (2008), onde foram propostas vivências de esportes adaptados para alunos de uma escola estadual.

Ao analisar os estudos parece que faltam trabalhos evidenciando principalmente sobre quais seriam as percepções dos estudantes sobre a deficiência e o Esporte Adaptado, no âmbito nacional, visto que internacionalmente trabalhos com esta problemática estão sendo desenvolvidos. Isso pode ocorrer pelo fato de outros países já passaram pela inclusão destes conteúdos e agora estarem buscando compreender mais a fundo as percepções sobre a deficiência.

A escola desempenha papel fundamental na inclusão, visto que a mesma acolhe vários tipos de alunos (Ferreira, 2018) tendo papel importante na discussão sobre essa diversidade. Neste sentido, dentro das escolas, as aulas de educação física podem ser importantes nesse debate, além de promover o contato entre estes

estudantes. Com isso, através da mudança de percepção sobre a deficiência os alunos podem entender mais sobre as deficiências e talvez se conscientizar sobre o tema. Esta mudança pode estar associada a integração, respeito e diversidade Ferreira, (2018), visto que a escola detém uma pluralidade de alunos. De acordo com (Ferreira, 2018), é importante deixar que as crianças dividam espaços de convivência, independente de suas limitações, assim pode se gerar uma sociedade menos preconceituosa.

Este trabalho se faz importante por se propor a analisar os efeitos deste programa de intervenção, visto que ainda existem muitos estereótipos sobre as pessoas com deficiência e esportes adaptados. Nesta fase da adolescência, podem surgir falas menosprezando ou passando uma ideia errada sobre a deficiência, cabe aos programas como este, tentar conscientizar dentro do possível os estudantes sobre o tema e as escolas continuarem com esse processo, não somente sendo algo isolado. Diante do exposto, o presente trabalho pretende responder a seguinte pergunta: Quais impactos de um programa de conscientização sobre esportes adaptados e deficiência gera nas percepções de estudantes do ensino fundamental sobre a deficiência?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar os impactos de uma intervenção de esportes adaptados e deficiência sobre a percepção de deficiência em escolares do ensino fundamental.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- analisar a percepção que os estudantes têm sobre deficiência no momento pré-intervenção;
- analisar a percepção que os estudantes têm sobre deficiência pós-intervenção;

2. JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pelo fato de vivermos em uma sociedade onde, por vezes, pessoas com deficiência não são tratadas com o respeito e a igualdade que merecem; olhares de pena, por pessoas sem deficiência com “corpos padrões”. Esta situação é algo que está há muito tempo na sociedade, algo que deve ser revisto e alterado; e, isso só será possível através da conscientização das pessoas.

No decorrer do curso de graduação temos a oportunidade de participar de projetos de extensão, pesquisa, entre outros; com isto, ao participar do projeto de extensão, aos sábados no campus, me aproximei do tema dos esportes adaptados e inclusão.

Programas de conscientização nas escolas nos permitem moldar um pensamento crítico e diferente do que temos hoje sobre a deficiência. Iniciando este processo com as futuras gerações e ensinando que independente dos corpos que habitamos sejam eles, com ou sem deficiência, antes de tudo somos pessoas.

Podemos observar que existem diversos artigos e trabalhos que mostram a importância de programas de conscientização sobre deficiência, como por exemplo na revisão bibliográfica de Borgmann (2015). E muito sobre esta discussão vem se fortalecendo no âmbito internacional com autores como Grenier, Bourgoin, Kiuppis e entre outros nomes de referência. Mas nos deixam lacunas, como a que buscamos responder através deste trabalho de conclusão de curso, quais os impactos de um programa de conscientização sobre a deficiência na percepção de adolescentes sobre as pessoas com deficiência.

Tornando-se importante para o avanço no pensamento sobre as pessoas com deficiência e trazendo entendimento para que cada vez mais possamos ter uma sociedade realmente inclusiva e acessível a todos que nela convivem.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

Ao iniciar este tópico discorreremos sobre o modelo social da deficiência e educação física, ainda hoje dentro das aulas de educação física escolar temos uma visão da pessoa com deficiência pautada no modelo médico (Mendes, 2006), visto que os alunos eram incluídos em classes especiais, hoje observamos não mais classes especiais, que atendiam somente alunos com deficiência, apesar das classes especiais estarem dentro das escolas comuns elas já se constituíam como um sistema paralelo (Borges, 2018), por mas que não existam mais classes especiais ainda sim observamos a falta de inclusão destes alunos nas aulas. Dito isto, no decorrer do tópico conceituaremos: deficiência, modelo médico e modelo social da deficiência a fim de entender suas principais diferenças e como isso se relaciona durante as aulas de educação física escolar, segundo o Censo escolar de 2023 realizado pelo INEP, 1.771.430 matrículas foram realizadas na educação especial, sendo 62,90% (1.114.230) das matrículas feitas no ensino fundamental e 16% (284.847), no ensino infantil.

Dado estas informações, é importante estar capacitado para trabalhar com alunos com deficiência e esportes adaptados na escola, visto que pode promover, compreensão e desenvolvimento motor. (Costa e Silva, 2013). E juntamente com as escolas e alunos, buscar quebrar certos preconceitos, romper paradigmas, incluir e possibilitar a participação tanto nas aulas, como na sociedade; levando assim todo o ambiente escolar a entender e conhecer a deficiência, oportunizando o entendimento a todos os alunos, que as adaptações não significam incapacidade e sim uma forma para que todos participem igualmente do ambiente escolar (Araujo, 2019).

O conceito de pessoa com deficiência segundo a (Organização Pan Americana da Saúde, 2014-2019) é:

Pessoas com deficiência são aquelas que apresentam impedimentos físicos, mentais, intelectuais ou sensoriais de longo prazo que, em interação com diversas barreiras, podem dificultar sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais.

Podemos observar que este conceito mais recente vai ao encontro ao que os autores que se baseiam no modelo social escrevem em seus trabalhos que dizem que a deficiência é um produto das desvantagens e restrições e que a sociedade pouco considera aqueles que possuem lesões físicas (Bampi, et al. 2010).

Juntamente com isto, a Lei Brasileira de Inclusão (2015) segue um conceito parecido com o citado no parágrafo anterior:

Art. 2º considera pessoa com deficiência "aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas" (Lei n. 13.146).

Contrapondo a estes conceitos de deficiência, existe o conceito médico ou biomédico que antecede o conceito social. Essa concepção trata a deficiência como um fenômeno biológico, em que a deficiência é categorizada como uma doença a qual deve ser tratada a fim de diminuir seus efeitos, com medicamentos ou reabilitação para que o corpo com deficiência seja capaz de funcionar adequadamente como o corpo padrão (Foresti, Bousfield, 2022).

Identificamos então que o modelo médico tem como ponto principal a pessoa com deficiência, a qual busca uma forma de amenizá-la ou de melhorar a vida da pessoa através de um tratamento, a fim de chegar o mais próximo do corpo padrão, este sem deficiência, visto que a deficiência seria uma incapacidade física que levaria a uma série de desvantagens sociais (França, 2013).

Já o modelo social, nasce para contrapor o modelo médico trazendo elementos relacionados ao estado e ao social, que toma força em 1966 com o sociólogo Paul Hunt (pessoa com deficiência), buscando discutir as questões sociais além do ponto de vista médico. O modelo social não irá buscar intervir sobre o indivíduo com deficiência, antes olhará para a sociedade e sobre o que é imposto como barreira para esta pessoa, olhando de forma normal para a pessoa com deficiência visto que a deficiência deve ser tratada como parte da diversidade humana como cita (French, 2000, Pág. 208): "a deficiência é vista como parte da diversidade humana e não como um traço indesejado a ser curado ou corrigido".

Os modelos citados são importantes para discussão sobre a deficiência, visto que o modelo social é uma crítica ao modelo médico e visa focar nas potencialidades e capacidades que as pessoas com deficiência possuem e que muitas vezes são dificultadas por barreiras sociais, ponto importante a destacar dentro das escolas, dado a quantidade de alunos com deficiência. Já o modelo médico parte do pressuposto biológico como já citado, e em nossa sociedade é como a crença popular compreende a deficiência.

Na educação física escolar, observamos que estes alunos muitas vezes são excluídos ou não participam ativamente das aulas ou não participam com igualdade visto que muitos esportes são focados em corpos padrões. Para trazer estas discussões à tona dentro da educação física podemos utilizar os esportes adaptados como ferramenta, mesmo que não exista um aluno com deficiência naquele momento, é importante para os estudantes tenham contato com outros esportes e com pessoas com deficiência, visto que mesmo adolescentes tem um pré conceito estabelecido, achando que os PCDs (Pessoa com Deficiência) não são capazes ou que são super pessoas por realizarem tarefas diárias, cabe aos professores inserirem esse tipo de prática e realizar discussões acerca do assunto para que os alunos entendam as situações.

Cabe a escola como um ambiente propicio a romper com crenças utilizar meios como, propostas pedagógicas, programas de conscientização, eventos e palestras sobre as deficiências para romper com estas crenças (Beckett, 2009)

A implementação de políticas públicas e da interação com o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas pode ser outra alternativa (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Pág., 43), assim como são realizadas ações no âmbito da saúde dentro das escolas como o Programa de Saúde na Escola (PSE).

3.1.1 PROGRAMAS DE CONSCIENTIZAÇÃO NAS ESCOLAS

Observa-se cada vez mais programas de conscientização acontecendo nas escolas. Estes abordando diversos temas, como: diversidade, educação bucal, orientação sexual, deficiência e vários outros, um exemplo é o Programa Saúde na

Escola, ofertado pelo (MEC). Cada um com sua particularidade, alguns com um tempo de duração maior, outros com somente um dia.

Na área da educação física, especificamente voltada para os esportes adaptados e da deficiência, observa-se que existem diversos programas e intervenções, além de uma crescente produção acadêmica, incluindo projetos de pesquisa e trabalhos de conclusão de curso (TCC). Esses estudos têm como objetivo central a promoção da conscientização e inclusão social através do esporte adaptado, destacando sua importância como ferramenta de integração e desenvolvimento de pessoas com deficiência, além de proporcionar reflexões sobre o papel da atividade física na melhoria da qualidade de vida e na superação de barreiras sociais e culturais.

O Dia Paralímpico Escolar ou (DPE) é um destes programas que busca através dos esportes adaptados conscientizar adolescentes sobre a deficiência, utilizando práticas como: Goalball, Basquete em cadeira de rodas, Bocha, Vôlei sentado, Atletismo e diversas outras modalidades. Aproximando os estudantes das pessoas com deficiência, mesmo por contato direto, visto que muitos não possuem este contato. De acordo com uma revisão bibliográfica de Borgmann (2015), a maioria dos artigos encontrados com este tipo de intervenção se situa na Europa com países que iniciaram com o DPE.

O trabalho de Salerno (2008), apresenta uma proposta que foi desenvolvida para alunos de uma turma de 4º ano do ensino fundamental, a fim de apresentar as modalidades paralímpicas para as crianças, em que no primeiro momento foram feitas pesquisas sobre a deficiência auditiva, visual, física e mental, a fim de confeccionarem cartazes, para a compreensão dos conteúdos. No segundo momento os alunos foram apresentados a prática das modalidades Goalball e Vôlei sentado. Concluiu-se, em suma, que os alunos perceberam ao final da intervenção que tratam as pessoas com deficiência como coitados e perceberam que as pessoas com deficiência não são tão diferentes deles, além de perceberem mudanças nas modalidades vivenciadas.

Souza (2020), em seu trabalho faz um relato de experiência de sua intervenção, em uma escola municipal com alunos dos anos finais, em que foram propostas as vivências de Goalball, Bocha e Basquete em cadeira de rodas. Antes das práticas os alunos através de aula teórica, leram um artigo sobre esporte adaptado e antes do início da prática foi dado uma visão geral do esporte a ser

praticado e após isso o jogo propriamente dito ministrado pelos estudantes do curso de Educação Física. Em seus resultados destacam a reação dos escolares, demonstrando satisfação ao participar das práticas.

Grenier (2014) apresenta um trabalho sobre as percepções de uma unidade de conteúdo de esportes adaptados na EF escolar, no qual seu objetivo foi avaliar a formação das percepções sobre deficiência em escolares do ensino fundamental, através de entrevista. A unidade de esportes adaptados consistiu em cinco semanas com aulas uma vez por semana com alunos do 5º ano e foram acompanhadas 3 turmas de 4º ano com currículo padrão da escola a fim de comparar ao final do estudo. Desse modo, quatro esportes foram introduzidos: Goalball, Basquete em cadeira de rodas, Vôlei sentado e Hóquei sobre trenó. As aulas começavam com a apresentação de um vídeo clipe e se encerravam após a prática com uma série de perguntas e respostas. Concluiu-se que os alunos que participaram da intervenção tiveram mudanças de definições quando perguntados sobre o termo deficiência, notaram o alto grau de habilidades necessárias para praticar os esportes, os alunos do 5º ano através da implementação do currículo conseguiram observar pessoas com e sem deficiência e com isso obtiveram uma visão mais completa. Já a turma de 4º que não participou da intervenção citou termos como anormalidade, falta de mobilidade, sendo a maior diferença nas palavras utilizadas para descrever a pessoa com deficiência.

Nota-se a escassez de trabalhos focados em proporcionar conscientização e mudança de percepção através dos esportes adaptados, visto que a produção deste tipo conteúdo internacionalmente vem em crescente, avaliando que muitas vezes as práticas esportivas tradicionais são excludentes e acabam gerando um preconceito dos alunos com a pessoa com deficiência. É válida a tentativa através destes tipos de programa para gerar inclusão nas aulas e nas práticas esportivas, além da conscientização sobre a deficiência “a inclusão tem a ver com a participação de todas as crianças e jovens e com a eliminação de todas as formas de práticas de exclusão” (Len Barton, Apud Armstrong, 2003).

Deste modo, estes programas são uma possibilidade para que os alunos entendam mais sobre a deficiência, as potencialidades destas pessoas e sobre as barreiras enfrentadas por elas em nossa sociedade, e que com isso inicie uma

mudança de percepção sobre as pessoas com deficiência em nossa sociedade, para que se rompam certas barreiras atitudinais e físicas encontradas pelos PCDs.

Diante disto, observamos em alguns trabalhos que existe sim a mudança nos pensamentos antes do início do programa e após como podemos observar no trabalho de (Salerno, 2008) “Um fator citado por diversos alunos foi a questão de que as pessoas com deficiência não são tão diferentes de qualquer outra pessoa, ou seja, todos são diferentes.”. Então com o contato e participação dos alunos é possível alterar a percepção deles sobre a pessoa com deficiência e a própria deficiência; e iniciando este processo nas escolas e no ensino fundamental intervimos diretamente nas percepções dos futuros adultos da geração, combatendo o problema no início, buscando melhorar nossa sociedade e torná-la mais igualitária a todas as pessoas.

3.1.2 ESPORTES ADAPTADOS COMO CONTEÚDO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Os esportes adaptados, termo utilizado no Brasil, nada mais é que uma possibilidade de prática para as pessoas com deficiência, para isso as regras e fundamentos são adaptados para propiciar a prática para estas pessoas (Costa e Silva, et al. 2013).

Esta prática beneficia as pessoas com deficiência tanto em âmbito social quanto em questões de habilidades motoras e de desenvolvimento físico (Costa e Silva, et al. 2013); trazendo isto para o ponto de vista das escolas, é importante para a participação de alunos com deficiência nas aulas de EDF escolar. Visto que, muitos destes alunos no ensino regular acabam ficando de fora de atividades e práticas devido à falta de preparo e conhecimento dos professores (Rodrigues, 2003), em nossas vivências pessoais, geralmente apenas observam as aulas, ficam isolados em um canto ou ajudando a arbitrar o jogo, mas dificilmente participando ativamente da aula. Cabe aos professores, buscar meios de incluir os alunos nas suas práticas realizando adaptações e buscando meios para a participação integral de todos os estudantes, trazendo uma prática inclusiva a todos, onde o aluno com deficiência e o aluno sem deficiência possam realizá-las juntos, e isso pode ocorrer com uma formação mais adequada dos professores de EF (Rodrigues, 2003).

O esporte adaptado é um aspecto cultural da pessoa com deficiência assim como jogos da cultura indígena, lutas, danças e outros são para estes grupos culturais, visto que cultura “é este todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” (Edward Tylor apud. Laraia, 2006, p. 25). Dito isto, é importante salientá-lo como um conteúdo curricular, visto que na BNCC o esporte adaptado não é citado em nenhuma oportunidade quando se fala dos esportes.

Um ponto interessante, visto que, é falado sobre a inclusão das pessoas com deficiência e que as aulas devem ser inclusivas; é importante que se faça presente dentro deste documento os esportes adaptados como um conteúdo, pois, como deve ser trabalhado se não está no documento, obviamente sabemos que ao lermos “esportes de rede/parede”, se inclui o vôlei sentado por exemplo. Mas, por que não especificar? Visto que, é um esporte pouco falado pela mídia e pouco televisionado, isto serve para outras modalidades.

Dentro desta temática destaca-se internacionalmente esta discussão nos últimos anos, com trabalhos que introduziram o esporte adaptado como um conteúdo curricular em suas aulas a fim de analisar a percepção dos alunos sobre isso. Autores como Michelle Grenier (2014), Florian Kiuppis (2018), analisam quais seriam os impactos desta prática na percepção dos estudantes sobre a deficiência. O trabalho de Grenier (2014), buscou investigar como o currículo de esportes para pessoas com deficiência influenciou nas percepções dos alunos sobre indivíduos com deficiência física, em que foi realizado um questionário pré e pós-intervenção, em sete aulas sobre esportes adaptados.

Nos resultados qualitativos, houve uma maior compreensão sobre a deficiência por parte dos alunos e uma admiração pelos atletas com deficiência.

No Brasil Salerno (2008), realizou um trabalho parecido com alunos do 4º do ensino fundamental onde realizaram pesquisas com os alunos sobre deficiência, conceituando para que os alunos entendessem e, após isso, realizaram práticas como caminhada vendado, Goalball e vôlei sentado. Os resultados mostraram que os alunos tiveram compreensões diferentes sobre as pessoas com deficiência.

Uma pesquisa de Grenier et al (2019), sobre esta temática mostra opiniões de professores e alunos quando perguntados se deve existir uma unidade sobre

esportes adaptados no ensino médio e fundamental, as respostas variam, em especial a resposta de um professor chama a atenção em, ele diz que: “os esportes para pessoas com deficiência não devem ser limitados a uma unidade na educação física, mas sim que toda unidade da EDF deve adaptar um segmento de aprendizado de destaque ao esporte para pessoas com deficiência. Por exemplo: Uma unidade de vôlei que possui 10 aulas, beneficia os alunos ter um segmento de aprendizagem de três dias sobre o vôlei sentado, não sendo uma unidade de esportes adaptados, mas sim contemplando os esportes adaptados” (Grenier, et al. 2019).

Destaca-se a importância da formação continuada e de qualidade dos professores de EDF escolar para realizar este trabalho, pois caso seja realizado sem conhecimento pode gerar prejuízos, fortalecendo preconceitos e conceitos capacitistas sobre as pessoas com deficiência Campbell, 2009:

Esse termo, em linhas gerais, diz respeito a um conjunto de pressupostos (conscientes ou inconscientes) e práticas que favorecem o tratamento desigual das pessoas por conta de deficiências existentes ou presumidas, nas quais as PCD são tratadas como "incapazes".

O capacitismo se aproxima de outras discriminações como o racismo, o sexismo e a homofobia, sendo inerentemente negativo e pressupondo que aquele corpo deveria ser melhorado, curado ou mesmo eliminado (Campbell, 2009; Mello, 2016 Apud Foresti, Bousfield, 2022).

Com isso, faz-se importante rever a BNCC a fim de discutir a possível implementação dos conteúdos de esportes adaptados dentro da EF escolar e assim melhorar a participação e entendimento dos alunos sobre as pessoas com deficiência e sua cultura de movimento, assim como são feitas com outras culturas dentro da BNCC.

As possibilidades com esta implementação são grandes e requerem atenção, pois desenvolve tanto repertório motor novo e variado como conscientização sobre as pessoas com deficiência, propiciando assim uma possível mudança de atitude das futuras gerações em relação à pessoa com deficiência, visto que alguns esportes adaptados não precisam de muitos materiais como por exemplo o vôlei sentado. Com conhecimento é possível trabalhar estas modalidades com os alunos proporcionando uma aula mais inclusiva.

Alguns desafios vão de encontro a formação dos professores, como a falta de conhecimento sobre esporte adaptado, falta de conhecimento sobre os tipos de deficiência e até mesmo a falta de espaços adequados para a prática de algumas modalidades, desde o ensino superior, visto que possuímos duas matérias que falam sobre esporte adaptado e deficiência em nosso currículo, questões dos próprios alunos onde às vezes podemos não ter um aluno com deficiência na turma e ser questionado o motivo de trabalharmos esportes adaptados mesmo assim, para isso devemos entender que uma prática inclusiva vai além de trabalhar somente quando há uma pessoa com deficiência e sim conscientizar os alunos sobre isso.

4. MÉTODOS

O presente trabalho de conclusão de curso se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, aplicada e descritiva. Segundo Gil (2002), o método qualitativo se caracteriza por buscas em fontes primárias, que ainda não receberam tratamento analítico em relação a um tema de pesquisa. Se tratando de uma pesquisa descritiva, que consiste em observar e registrar fenômenos, detalhando suas características e relações, sem fazer análises profundas. Ela foca em identificar a frequência de ocorrência de sistemas ou processos (Pedroso, 2018).

A pesquisa terá um caráter de trabalho quase experimental, que se caracteriza por não possuir grupo controle e não atribui os participantes de forma aleatória ou seja, os participantes podem ser selecionados previamente pelo pesquisador (Dutra, 2016), como ocorreu em nosso trabalho, em que os alunos selecionados são de uma escola particular.

4.1 PARTICIPANTES

A população deste estudo foram estudantes do ensino fundamental de uma escola particular tradicional, de ensino jesuíta, situada na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina.

A amostra contou com 4 turmas de 8º anos de uma escola particular de Florianópolis, cada turma composta por aproximadamente de 45 alunos, o qual tivemos ao todo cerca de 160 alunos participando da amostra.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram, ser aluno da escola onde o questionário foi aplicado, estar no 8º ano, aceitar participar da pesquisa, responder o questionário pós-intervenção.

Critérios de exclusão: Não ter participado de nenhum dia de intervenção.

4.1.1 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Aproximação com a escola/professor

O Professor de educação física da escola entrou em contato com a Professora orientadora deste trabalho a fim de saber a possibilidade de realizar um programa de intervenção sobre esportes adaptados com os alunos do 8º do ensino fundamental, visto que a professora orientadora já possuía contato com o professor e que no passado já haviam sido feitas intervenções sobre esportes adaptados na escola.

Com isso, após o aceite da escola, foi realizada uma reunião com o professor responsável a fim de discutir as datas para realização das intervenções, em que o mesmo, disponibilizou quatro turmas para que fosse feita a intervenção.

Construção do questionário

O questionário foi produzido pelo autor em conjunto com a Prof. Orientadora e o Professor de educação física da escola através do Google Forms e após isso disponibilizado para o Outlook que foi o meio utilizado para a coleta, visto que os alunos possuem e-mail institucional. O questionário pré-intervenção foi composto por oito perguntas, sendo a principal delas, utilizadas como objetivo desta pesquisa, sobre as palavras que os estudantes pensam quando pensam na palavra deficiência. Já o questionário pós-intervenção contou com dez perguntas, sendo as primeiras perguntas iguais ao pré-intervenção e foram adicionadas três perguntas referentes às práticas de esporte adaptado a pedido do professor da turma, para saber o que os estudantes acharam das práticas vivenciadas, estas últimas perguntas não foram analisadas nesta pesquisa.

Com relação aos aspectos éticos desta amostra, este estudo não passou pelo comitê de ética mas, o TALE foi disponibilizado da mesma forma aos alunos no próprio questionário que foi aplicado, sendo a primeira informação que observaram, ao ler, e caso quisessem participar da pesquisa deveriam prosseguir preenchendo o questionário, caso contrário, não deveriam preenchê-lo. Outro aspecto importante a se destacar é que os pais dos estudantes estavam cientes que eles participariam de uma intervenção na UFSC, mediado via professor da escola.

Programa de conscientização

Parte 1: Palestra na escola

A intervenção ocorreu da seguinte forma: os alunos participaram de uma palestra ministrada por uma pessoa com deficiência no auditório da escola (figura1). Antes do início da palestra, os alunos foram convidados a responder um breve questionário (Apêndice A), em que responderam perguntas básicas, como idade, turma, gênero, se possuía alguma deficiência e a pergunta principal de nosso questionário, a respeito do que entendem por deficiência e quais suas percepções sobre ela: “Quando pensa na palavra deficiência, quais palavras vêm à sua mente? Cite 5 palavras.” Os estudantes foram instruídos a responder os questionários individualmente e sem consultar os colegas e nem outras fontes.

Logo após responderem o questionário, participaram da palestra na qual foram abordados os temas como: quantidade de pessoas com deficiência no Brasil, aspectos históricos, padrões impostos pela sociedade, capacitismo e alguns vídeos das práticas de esporte para pessoas com deficiência que seriam realizadas pelos alunos na UFSC nos dias seguintes. A palestra (figura 1) foi ministrada por uma pessoa com deficiência, decorrente da poliomielite, o palestrante utiliza a cadeira de rodas como meio de locomoção e já foi atleta de Handebol em Cadeira de Rodas e Parabadminton, já tendo participado de diversos campeonatos. Depois de ministrada a palestra foi aberto um momento de perguntas dos alunos para o ministrante. Algumas perguntas dos alunos foram: “Como você dirige?” Resposta do palestrante: “Carro adaptado com o acelerador em alavanca.” “Como faz para tomar banho?” Resposta do palestrante: “Muitas pessoas que utilizam cadeira de rodas utilizam uma

cadeira de banho, no meu caso utilizo um banquinho”. E outras tantas perguntas que se direcionaram ao dia a dia do participante e também sobre os esportes.

Parte 2: Experimentação de práticas paradesportivas na UFSC

Os alunos foram divididos em grupos que realizaram a segunda parte do programa, que são práticas paradesportivas realizadas nos ginásios e pista de atletismo da UFSC. Os alunos se encaminharam a UFSC de ônibus e com alguns professores da escola que ficaram responsáveis pelas turmas. As práticas vivenciadas foram: Vôlei sentado (figura 2), Handebol cadeira de rodas (figura 3), Corrida guiada (figura 4) e Goalball (figura 5), as quais foram conduzidas por alunos de graduação do curso de Educação Física bacharelado, da disciplina de Esportes Adaptados. Os estudantes da disciplina planejaram as atividades e já estavam familiarizados com as mesmas, e também já haviam praticado as modalidades propostas anteriormente durante suas aulas.

As práticas se deram da seguinte forma: a) Ao chegarem na UFSC os alunos foram divididos em grupos de 15 a 20 estudantes, separados entre as modalidades já citadas onde tiveram cerca de 20 minutos de prática de cada modalidade.

O procedimento padrão ao receber os alunos nas estações foi de: a) se apresentar rapidamente. b) saber se já conheciam a modalidade. c) explicar conceitos básicos sobre a modalidade. d) realizar a prática. Após este tempo, eram conduzidos a próxima modalidade e assim sucessivamente até terem vivenciado todas as modalidades propostas. Ao final, foram reunidos para conversar sobre as práticas feitas, onde os alunos da graduação realizaram uma breve fala sobre a importância dos esportes adaptados e as pessoas com deficiência, ao final agradeceram a presença dos alunos (Figura 6).

Figura 1: Palestra



Fonte: Registrado por terceiros

Figura 2: Alunos realizando a vivência de vôlei sentado.



Fonte: Registrado pelo Autor

Figura 3: Vivência de Handebol em cadeira de rodas.



Fonte: Registrado pelo Autor

Figura 4: Vivência de Corrida Guiada



Fonte: Registrado pelo Autor

Figura 5: Vivência de Goalball



Fonte: Registrado pelo autor

Figura 6: Roda final de conversa com estudantes



Fonte: Registrado pelo Autor

Após isso, cerca de 3 dias depois das práticas os alunos responderam novamente o questionário, para saber suas percepções sobre a deficiência e sobre as práticas vivenciadas, os dados referentes as práticas paradesportivas não foram analisadas neste trabalho, vale destacar que foi realizado um esforço para que todos os estudantes das turmas respondessem o questionário pós-intervenção.

4.1.2 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados utilizada foi através da análise temática de conteúdo de Braun e Clark (2006). As abordagens qualitativas podem ocorrer de várias formas, a análise temática é uma destas formas de análise qualitativa (Holloway, Todres, 2003).

A análise temática é uma abordagem metodológica voltada para a identificação, análise e relato de padrões recorrentes (temas) nos dados. Além de organizar e descrever o conjunto de dados de maneira detalhada, esse método permite uma interpretação mais profunda, explorando diversos aspectos relacionados ao objeto de estudo. (Braun, Clark, 2006 apud Boyatzis, 1998).

O processo de análise dos dados utilizou a abordagem de análise temática de (Braun e Clark, (2006), seguindo as etapas de 1) familiarização com os dados, 2) geração de códigos iniciais, 3) busca de temas, 4) revisão de temas, 5) definição e nomeação de temas, 6) produção de relatório. A análise ocorreu da seguinte maneira: a) os dados foram armazenados em planilhas do Google Docs; b) após leitura das palavras descritas pelos estudantes foi realizado uma contagem de palavras e

transcrição das mesmas para um documento Word onde foram agrupadas de acordo com palavras de mesmo sentido ou iguais; c) após isso, estes dados foram descritos em um documento Word onde se encontram quantidade de vezes que são citados e qual palavra será utilizada para descrever determinado conjunto de palavras, visto que muitas palavras foram escritas de maneira errada e que possuem um mesmo sentido; d) estas palavras depois de agrupadas em conjuntos de mesmo sentido foram analisadas pelo pesquisador, após análise foi escolhida a palavra que representaria as demais, sendo assim a parte de transcrição e geração de códigos iniciais; e) os códigos foram transcritos para outro documento para que fossem agrupados em possíveis temas, para isso foi utilizado o ChatGPT 4.0 nas sugestões dos temas; f) com base nas sugestões e análise dos dados pelo pesquisador foram propostos cerca de 13 temas para os dados pré-intervenção e 11 para o pós, observando os resultados obtidos; g) os dados foram revisados e foram incluídos pelo pesquisador 10 possíveis temas para os dados pré-intervenção e 14 para o pós; h) conjunto de dados foi analisado cerca de 5 vezes, para que fossem obtidos temas condizentes com a proposta e que não entrassem em conflito, com palavras que poderiam estar em 2 temas, ao final gerando 13 temas para os dados pré-intervenção e 20 para o pós-intervenção; i) estes dados foram colocados em planilhas Excel a fim de enumerar os temas do maior para o menor, referente a quantidade de palavras de cada um deles, quantificar o número absoluto de palavras e quantificar a porcentagem relativa de cada tema.

Com os passos acima finalizados foi feita uma nuvem de palavras através do App WordCloud.online, para expressar as palavras e após a análise dos temas finalizadas foi feito um mapa mental através do App Mindmeister onde foram descritos os temas e suas porcentagens relativas. Foram coloridos com cores mais fortes os temas que possuem uma porcentagem maior e conforme diminui sua porcentagem cores mais fracas, fazendo um efeito de degrade.

palavras continuam aparecendo mas com um pouco menos de destaque, “cadeira de rodas”, “autismo”, adaptação.

No momento pré-intervenção estaca-se **dificuldade** como uma das principais percepções dos estudantes relacionada à deficiência, e a respeito das palavras “cadeirante” e “cadeira de rodas”, imagina-se que pelo fato do palestrante ser uma pessoa com deficiência e utilizar a cadeira de rodas como meio de locomoção, os estudantes associaram essa lembrança na hora das respostas, justificando a alta frequência destas palavras. No entanto, segundo (Colere, 2023) esta associação pode estar ligada ao fato, também, de que a deficiência física geralmente é mais presente na rotina das pessoas e pelo fato que o símbolo internacional do acesso até pouco tempo atrás era uma pessoa na cadeira de rodas, contribuindo para esse estereótipo.

Uma boa parcela dos alunos associa a deficiência com **dificuldade** (82), como fica evidente pelo número de vezes que esta palavra é citada no pré-intervenção. Parece que os estudantes acham que a pessoa com deficiência possui maiores dificuldades para se realizar atividades diárias que são consideradas “simples”. Isso fica evidente quando na palestra que ocorreu antes das intervenções, os estudantes perguntam ao palestrante: “Como faz pra tomar banho?” ou “Como é o carro que você dirige?”. Por mais que exista uma falta de conhecimento sobre as pessoas com deficiência e como elas realizam suas tarefas diárias, ainda existe o pressuposto que estas pessoas são incapazes de realizar as tarefas que são comuns para as pessoas sem deficiência (Campbell, 2008). Já no momento pós, esta palavra tem sua frequência menor, podendo ser algo positivo, visto que outras palavras com conotação mais positivas aparecem, como: desafios (18), superação (10) e esforço (13), isso pode se dar pelo fato de os estudantes terem experienciado a prática dos esportes que geralmente não teriam contato, sendo desafiador estar experimentando aquela atividade, evidenciando que as pessoas com deficiência possuem habilidades e capacidades para diversas atividades, mas explicitando diversos desafios para realizar a prática colaborando com os achados de (Grenier, 2018).

Nesse sentido, a pessoa com deficiência geralmente é vista a partir de suas limitações ou das marcas corpóreas (Goodley, 2013) como observamos quando os estudantes citam a palavra “cego”, “surdo” e “doença”, podemos associar isso ao modelo médico da deficiência, visto que os alunos associam a uma característica

corporal ou impedimento decorrente da deficiência (França, 2013). O modelo médico ainda parece exercer grande impacto nas percepções dos estudantes, com base nas análises muitas palavras com conotações negativas como os exemplos citados acima, e associando a deficiência a limitações ou até mesmo a um tipo de doença o que reforça o modelo médico, como se a deficiência fosse algo anormal que precisa ser consertado ou melhorado (Foresti, Bousfield, 2022). Muitas estudantes ainda parecem trazer um estigma negativo associado a deficiência, como a fala de uma aluna deixa evidente “Eu não serviria para ser cega”, deduz-se que a estudante associe que ter deficiência visual seria muito desafiadora para ela, devido a fatores como: locomoção, interação com outras pessoas e falta de estrutura, colaborando com os achados de (Diniz, 2007), onde junto ao modelo médico mostram que os impedimentos do corpo diminuem a participação na sociedade.

Palavras como adaptação parecem ser importantes, visto que a interação do corpo com deficiência em contato com as barreiras em espaços públicos e privados podem dificultar a participação e locomoção destas pessoas na sociedade Meyer et al (2020), falta de rampas, piso guia, banheiros acessíveis são alguns exemplos que podem limitar a inclusão destas pessoas. Surgindo a necessidade de ambientes mais acessíveis a estas pessoas (Meyer et al, 2020; Souza, 2019).

Os estudantes também relatam expressões como preconceito, respeito e aceitação, em mostram que as pessoas com deficiência ainda passam por situações de preconceito, bullying e discriminação, evidenciando barreiras atitudinais. Silva e Santos (2021) mostram que o preconceito segue enraizado na sociedade, impedindo assim que pessoas com deficiência sejam vistas como iguais, a falta de educação sobre diversidade e inclusão mantem vivo os estigmas e dificulta a aceitação social das pessoas com deficiência. Desse modo, parece positivo os estudantes mencionarem estas temáticas.

Ao observar as duas nuvens de palavras, é possível visualizar uma possível mudança nas percepções dos estudantes, partindo de uma visão onde observam a pessoa com deficiência como sendo uma pessoa que passa por dificuldades, são diferentes e possuem problemas decorrentes de sua deficiência, o que reforça o estereótipo (Perez, 2012) e vai ao encontro ao modelo médico procurando curar ou reabilitar a pessoa com deficiência (Cunha, 2021).

Já no pós nota-se que algumas palavras como superação, inclusão, respeito, esforço ganham mais destaque, mas palavras como cadeira de rodas, adaptação entre outras ainda se fazem presente nas duas nuvens, talvez sejam pequenos avanços que com a implementação de mais programas de conscientização sobre a deficiência podem facilitar o processo de inclusão e uma melhor percepção da deficiência (Vieira, 2006).

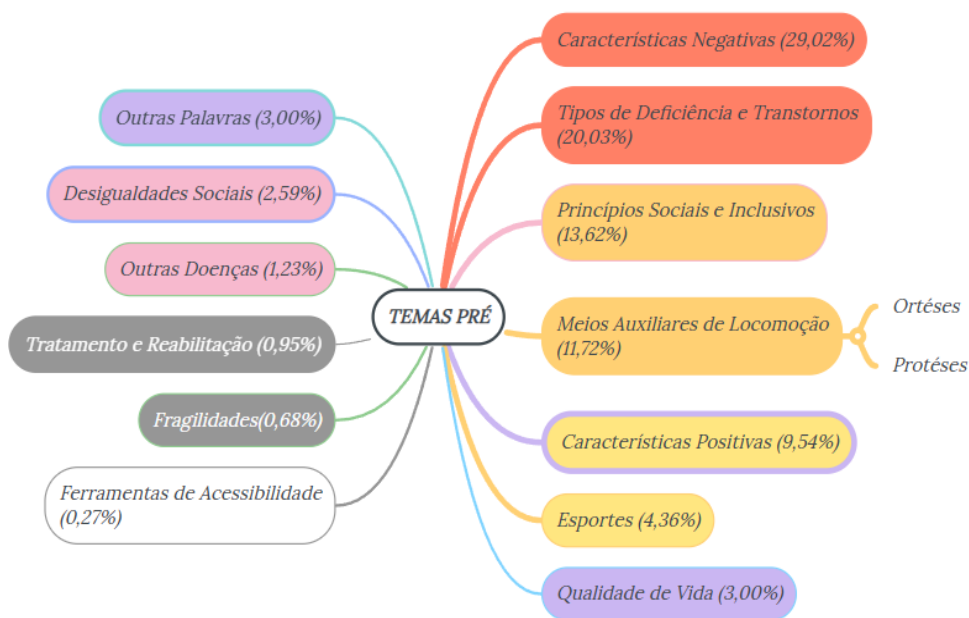
5.1.1 TEMATIZAÇÃO DA PERCEPÇÃO SOBRE A DEFICIÊNCIA

Como observamos, diversos temas foram encontrados em decorrência das palavras utilizadas pelos estudantes quando perguntados quais palavras eles pensavam quando liam a palavra deficiência no questionário, com isso, para expressar os temas a fim de resumir os temas encontrados, foram dispostos em layout de Mapa mental com os temas e suas porcentagens, sendo que os dados com maiores porcentagens serão apresentados com cores mais fortes os menores com cores mais fracas a fim de ter um efeito de degrade, como observado abaixo (Figura 9 e 10) :

No momento pré-intervenção 158 estudantes responderam ao questionário, sendo obtidas 734 palavras, já no pós-intervenção 118 estudantes responderam ao questionário, sendo obtido 517 palavras ao total que foram distribuídos em temas, exposto abaixo em forma de quadros (quadro 1 e 2).

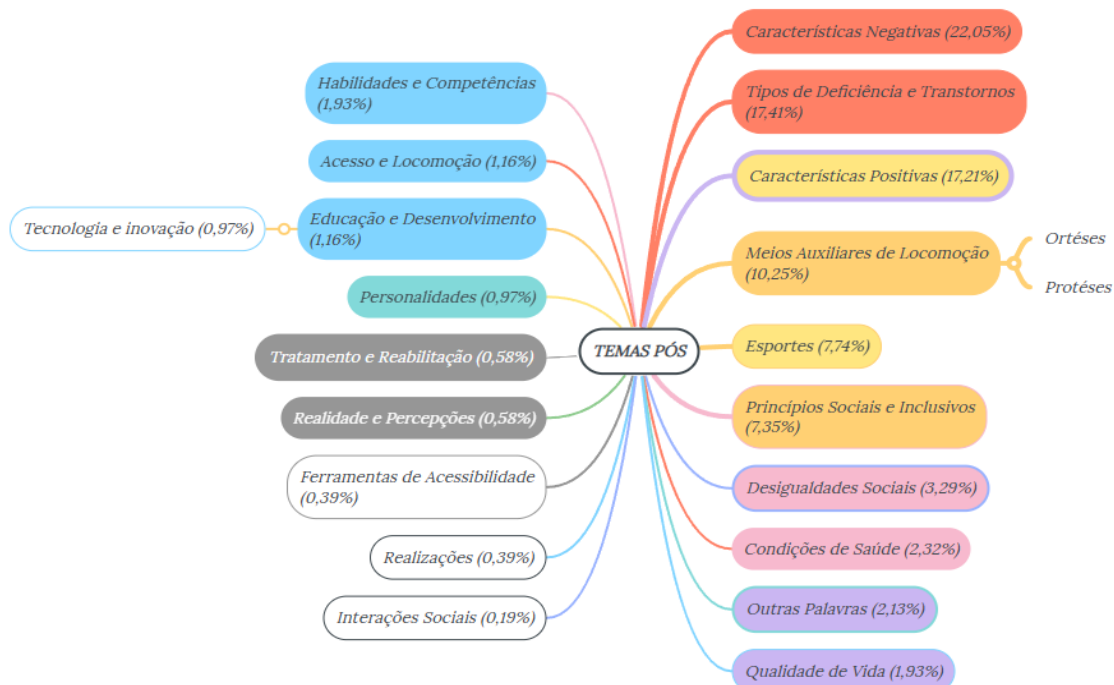
Ao observar o quadro Pré-intervenção (Quadro 1) percebemos que as características negativas (29,02%), são associados à deficiência pelos estudantes e segundo Silva (2006), isto pode ocorrer por serem categorizadas historicamente como pessoas que tem algo faltando ou sem capacidade para realizar determinada tarefa. O mesmo, também diz que ao corpo diferente, que foge ao padrão, que pode causar estranheza em um primeiro contato e até se estender a depender do tipo de contato que é proporcionado. Conhecer a pessoa com deficiência, ter contato e entender que em muitos casos suas limitações são decorrentes do ambiente em que ela se encontra, talvez possa alterar esta percepção. Por isso palavras como dificuldades, impedimentos, limitações podem ter aparecido com mais frequência, associado ao modelo médico que diz que os corpos que não estão dentro do padrão, são limitados e necessitam de cura, descartando assim os problemas decorrentes da interação com o meio que está inserido (Mota, 2021).

Figura 9: Mapa mental pré-intervenção



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 10: Mapa mental pós-intervenção



Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 1 – Temas pré-intervenção

Temas	Quant. Palavras	%
Características negativas: Especial, Diferente, Impossibilitado, Limitação, Défice, Defeito, Incapacidade, Problema, Agradecer por não ter esse problema, Dificuldade, Deficiente, Perda, Estranho, Necessário, Normal, Pessoas Debilitada, Tristeza, Sofrimento, Insegurança, Pena, Tédio, Estresse, Carência.	213	29,02
Tipos de deficiência e transtornos: Autismo, Psicopatia, TDAH, Tourette, Doença mental, Retardo, Síndrome de down, Nanismo, Paralisia, Paraplégico, Amputação, Cadeirante, Física, Cego, Surdo, Mudo.	147	20,03
Princípios sociais e inclusivos: Inclusão, Acessibilidade, Trabalho, Consciência, Direito de fala, Oportunidades, Respeito, Responsabilidade, Sensibilidade, Acolhimento, Vivência, Sociedade/Social, Adaptação, Diversidade, Auxílio, Mudança, Ajuda, Empatia.	100	13,62
Meios auxiliares de locomoção, órteses e/ou próteses: Cadeira de Rodas, Muleta, Bengala, Gesso, Óculos, Aparelho Auditivo, Prótese.	86	11,72
Características positivas: Determinação, Coragem, Obstinado, Perseverança, Força, Dedicação, Esforço, Superação, Tentar (1), Mudança, Jornada, Luta, Propósito, União, Amigos, Ambição, Único, Legal, Engraçado, Show de bola (2), Estrela, Responsabilidade, Habilidades, Desafios, Descobertas, Amor, Aceitação, Paciência, Sensibilidade.	70	9,54
Esporte: Esportes, esportes adaptados, Esporte adaptativo, Esporte paralímpico, Handebol em cadeira de rodas, Atletismo, Corrida, Natação.	32	4,36
Qualidade de vida e bem estar:	22	3,00

Quadro 2 – Temas pós-intervenção

Temas	Quant. Palavras	%
Características negativas: Tristeza, Medo, Confuso, Indiferença, Mentalidade Frágil, Incapacidade, Invisível, Diferente, Estranho, Impossibilitado, Insuficiência, Impedimento, Limitação, Falta, Desvantagem, Dificuldades, Deficiente, Necessidade.	114	22,05
Tipos de deficiência e transtornos: Autismo, Problemas Mentais, Síndrome de Down, Síndrome, Amputação, Paraplégico, Quebrado, Imobilidade, Cadeirante, Cego, Surdo, Mudo.	90	17,41
Características positivas: Persistência, Dedicação, Superação, Esforço, Luta, Coragem, Desafios, Determinação, Realização, Conquistas, Mente forte, Esperança, Amor, Carinho, União, Agradecer, Aceitação, Importantes, Interessante, Legal, Pessoa, Empatia, Divertido, Paciência, Interessante.	89	17,21
Meios auxiliares de locomoção, órteses e/ou próteses: Cadeira de rodas, Muleta, Cadeira Vibratória, Bengala, Óculos, Vendados.	53	10,25
Esporte: Paraolimpíadas, Bola Adaptada, Prática, Mobilidade, esportes, esportes adaptados, esportes paralímpicos, natação, handebol de cadeira de rodas, vôlei sentado, goalball, esportes modificados, corrida ventado.	40	7,74
Princípios sociais e inclusivos: Inclusão, Igualdade, Respeito, Anti-Capacitismo, Ajuda, Cooperação.	38	7,35
Desigualdades sociais: Preconceito, Bullying, Capacitismo, Julgamento, Restrição, Minoria.	17	3,29
Condições de saúde: Genética, Nascimento, Deformidade, Obeso, Doença, Problemas.	12	2,32

Outras palavras: Virus, doenças.	22	3,00
Desigualdades sociais: Capacitismo, Preconceito, Exclusão, Bullying, Desrespeito.	19	2,59
Outras doenças:	9	1,23
Tratamentos e reabilitação: Fisioterapia, Recuperação, Tratamentos.	7	0,95
Fragilidades: Fraqueza, Frágil, Vulnerabilidade.	5	0,68
Ferramenta de acessibilidade: Piso tátil, Braille.	2	0,27
Total	734	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outras palavras:	11	2,13
Qualidade de vida e bem estar: Saúde, Qualidade de Vida, Conforto, Mobilidade, Condições, Rotina, Cuidado.	10	1,93
Habilidades e competências: Habilidades, Capacidade, Desempenho, Concentração.	10	1,93
Acesso e locomoção: Meios de locomoção, Vaga Preferencial, Carro.	6	1,16
Educação e desenvolvimento: Aprendizado, Escola, Inteligência, Desenvolvimento.	6	1,16
Tecnologia e inovação: Tecnologia, Avanço, Evolução, Novidade.	5	0,97
Personalidades: Stephen Hawking, Super-heróis.	5	0,97
Tratamentos e reabilitação: Medicamentos.	3	0,58
Realidade e percepções: Realidade Diferente, Nem tudo é o que pensamos, Refletir.	3	0,58
Ferramenta de acessibilidade: Elevador, Braile.	2	0,39
Realizações: Conquistas, Sonhos	2	0,39
Interações sociais: Amizade	1	0,19
Total	517	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

No quadro 2, observa-se uma diminuição dos temas características negativas a respeito da deficiência, isso pode ser resultado da aproximação com os esportes adaptados e com o conhecimento sobre a pessoa com deficiência corroborando com o estudo de Salerno (2008) e com a teoria do contato de Allport (1954), que nos mostra que através do contato entre membros de diferentes grupos sociais neste caso pessoas com e sem deficiência poderia diminuir questões como preconceito e discriminação. Outro ponto a se destacar nos mapas mentais é que características positivas tem um aumento interessante, visto que no momento pós-intervenção é o terceiro tema mais citado, podendo estar associado a uma percepção mais positiva da deficiência após contato com as práticas, como também observamos no trabalho de Grenier (2018) e Salerno (2008), mostrando que o conhecimento sobre os paradesportos e a pessoa com deficiência talvez gere uma percepção mais positiva sobre a deficiência.

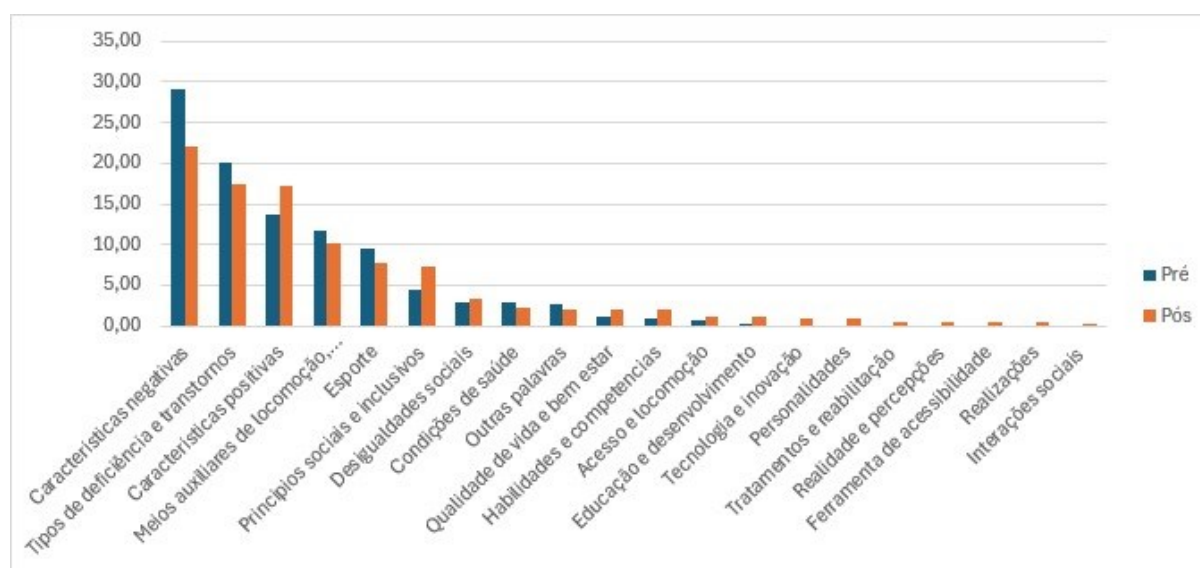
Seguindo, os estudantes percebem a deficiência de acordo com deficiências e transtornos, isto pode ocorrer pela forte influência do modelo médico que identifica a deficiência como uma doença e em “consertar” ou “tratar” essa limitação (França, 2013), vale destacar que anteriormente ao modelo médico as pessoas com deficiência eram vistas como decorrentes de castigos divinos. No entanto, faz se importante entender que a pessoa com deficiência não se resume somente a sua deficiência, mas antes de tudo ela é uma pessoa que possui direitos e deveres como qualquer outra, além do fato que muitas das dificuldades que elas enfrentam em seu dia a dia são decorrentes de barreiras sociais como mostra o modelo social da deficiência (Bampi, et al. 2010). Além disso as pessoas com deficiência geralmente são associadas a seus “corpos diferentes”, ou com marcas anteriormente associado a ira divina (Santos, 2008),

Já no quadro Pós-intervenção (Quadro 2) é possível notar a diminuição dos dados referentes à percepção da pessoa com deficiência através de características negativas (22,05%), tipos de deficiência e transtornos (17,41%), e um aumento expressivo na percepção da pessoa com deficiência através de características positivas (17,21%). O aumento nesta categoria pode se dar ao fato de os estudantes terem vivenciado práticas e se aproximaram dos temas referentes a

deficiência, obtendo algum conhecimento sobre o assunto, colaborando com os achados de Vieira (2006).

Outra categoria que teve um aumento quanto às percepções foi o esporte (7,74%), podendo estar ligado ao fato de os estudantes associarem a prática que participaram durante o período de intervenções. A categoria tipos de deficiência e transtornos (17,41%), teve uma diminuição em relação ao momento pré-intervenção, não há como afirmar com certeza podendo ser decorrente da aproximação com os esportes adaptados e em decorrência da palestra realizada, a apresentação das práticas e o conhecimento sobre a pessoa com deficiência podem ter influenciado nesses resultados como aponta o estudo de Vieira (2006), que mostra que através desses programas é possível que as crianças e adolescentes apresentem atitudes mais favoráveis ao tema.

Figura 11: Comparação Pré e Pós-intervenção



Fonte: Elaborado pelo autor, (2024)

Ao analisar o gráfico (figura 11) podemos perceber houve mudanças nas porcentagens dos temas principais como características negativas que no momento pré-intervenção era de 29,02% diminuiu para 22,05%, tipos de deficiência e transtornos de 22,03% para 17,04%, as características positivas de 9,54% para 17,21%, esporte de 4,36% para 7,74%. Ao observar estes dados é possível notar que pode ter ocorrido uma mudança nas percepções que os estudantes possuem sobre a deficiência, indo de uma percepção onde associavam a deficiência principalmente a características negativas para um momento pós-intervenção em que a associação as

características negativas diminuíram da mesma forma a percepção através do tipo de deficiência e começam a aumentar as percepções relativas a características positivas, prática de esportes.

É importante destacar que em comparação com os temas pré-intervenção no momento pós, novos temas surgiram, os quais geralmente expressavam aspectos mais positivos, como percepção de habilidades, personalidades famosas, educação e tecnologia e realizações, conseqüentemente gerando a diminuição de outros temas e impactando no resultado final. Essas novas categorias parecem caminhar para uma percepção mais positiva sobre a deficiência, por mais que sejam categorias menores pode ser um indicativo positivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados coletados pré e pós as intervenções revelou importantes achados sobre as percepções de estudantes do ensino fundamental em relação às pessoas com deficiência. No momento pré-intervenção, as percepções estavam fortemente atreladas a características negativas, limitações e barreiras associadas à deficiência, como evidenciado pelas palavras mais citadas, como "dificuldade", "cadeira de rodas" e "problema". Esse cenário reflete uma visão estereotipada da deficiência, marcada pela falta de informação e pelo impacto do modelo médico, que enxerga a deficiência como uma condição a ser "corrigida" ou "tratada".

Com as intervenções, incluindo a palestra com uma pessoa com deficiência e a vivência prática de esportes adaptados, observou-se mudanças nas percepções dos estudantes. As palavras com conotação negativa diminuíram, enquanto termos relacionados a características positivas, como "superação", "esforço" e "desafios", ganharam maior destaque. Esse resultado pode indicar que talvez o contato direto com as realidades, potencialidades, conhecimento e consciência sobre as pessoas com deficiência, aliado a atividades práticas, possam exercer um impacto positivo na desconstrução de preconceitos e na promoção de uma visão mais inclusiva.

Contudo, apesar da redução nas percepções negativas e do aumento de percepções positivas, ainda foi visível que algumas barreiras atitudinais permanecem, e isso reforça a necessidade de um trabalho contínuo de conscientização, que vai além de intervenções pontuais, integrando conteúdos de inclusão e diversidade de maneira sistemática ao currículo escolar para que os estudantes compreendam que as pessoas com deficiência, são parte de nossa sociedade e detêm os mesmos direitos que pessoas sem deficiência e por isso devem ser respeitadas e ouvidas.

Os dados pós-intervenção também destacaram um aumento na associação entre esportes adaptados e características positivas, evidenciando que a prática esportiva pode ser uma ferramenta poderosa para desafiar estereótipos e promover a inclusão. No entanto, como apontado por estudos anteriores, é essencial que as práticas pedagógicas enfoquem o que as pessoas com deficiência são capazes de realizar, e não apenas suas limitações.

Concluimos, portanto, que a palestra e intervenções trouxeram avanços importantes na percepção dos estudantes sobre a deficiência, a representatividade

decorrente de ter uma pessoa com deficiência ministrando a palestra e em local de destaque pode ter influenciado positivamente nas percepções dos estudantes. No entanto, é fundamental que essas ações sejam ampliadas e continuamente aprimoradas para alcançar mudanças mais profundas e duradouras, a implementação de políticas públicas, projetos e programas de conscientização sobre a deficiência nas escolas talvez sejam pontos importantes a serem propostos.

A inclusão de conteúdos sobre deficiência e diversidade no currículo escolar, bem como a promoção de vivências práticas e contatos diretos com pessoas com deficiência, podem influenciar positivamente para formar cidadãos mais empáticos, informados e preparados para conviver em uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lucilene Quintiliano. **PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL: ASPECTOS CULTURAIS, HISTÓRICOS E CONSTITUCIONAIS DE SUA TRAJETÓRIA**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 594–612, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i7.1709. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1709>. Acesso em: 3 ago. 2024.

ARAÚJO PF. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte; 2011. v. 1.

ARAÚJO, Bárbara Carvalho de. **Esporte Adaptado: Um estudo acerca da percepção e metodologias dos professores de educação física nas escolas de Tocantinópolis-TO**. 2019. 47p. Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física, UFT, Tocantinópolis, 2019.

ARMSTRONG, F. 2003. “**Researching the Practices and Processes of Policy Making**.” Chap. 1 in *Spaced out: Policy, Difference and the Challenge of Inclusive Education*, edited by F. Armstrong, 1–8. New York: Kluwer Academic.

BAMPI, L. N. da S., Guilhem, D., & ALVES, E. D. (2010). **Social Model: A New Approach of the Disability Theme**. *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 18(4), 816–823. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000400022>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BECKETT, A. (2009). **Challenging Disabling Attitudes, Building an Inclusive Society: Considering the Role of Education in Encouraging Non-Disabled Children to Develop Positive Attitudes towards Disabled People**. *British Journal of Sociology of Education*, 30, 317-329. <https://doi.org/10.1080/01425690902812596>

BORGMANN, T.; GAVIÃO DE ALMEIDA, J. J. **ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**. *Movimento*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 53–68, 2015. DOI: 10.22456/1982-8918.43470. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/43470>. Acesso em: 10 maio. 2024.

BORGES, A. A. P., & CAMPOS, R. H. de F.. (2018). **A Escolarização de Alunos com Deficiência em Minas Gerais: das Classes Especiais à Educação Inclusiva**. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 24(spe), 69–84. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000400006>

BOYATZIS, R. E. (1998). **Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development**. Thousand Oaks, CA: Sage

BRAUN, V. and CLARKE, V. (2006) **Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101. ISSN 1478-0887**

CAMPBELL, F. A. K. **Exploring internalized ableism using critical race theory. *Disability and Society*, v. 23, n. 2, p. 151–162, 2008a.**

COLERE, Jackeline, (2023). **Percepções e sentimentos de crianças em idade escolar em relação às pessoas com deficiência: um estudo sobre a influência do contato com materiais relacionados aos jogos paralímpicos.** Dissertação de Pós-graduação.

CUNHA, A. C. C. P. (2021). **Deficiência como expressão da questão social. *Serviço Social & Sociedade*, (141), 303–321. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.251>**

DE SOUZA PEDROSO, J.; DA SILVA, K. S.; DOS SANTOS, L. P. **PESQUISA DESCRITIVA E PESQUISA PRESCRITIVA. *JICEX*, v. 9, n. 9, 2017.**

Diniz D, BARBOSA L, SANTOS WR dos. **Deficiência, direitos humanos e justiça.** Sur, Rev int direitos human [Internet]. 2009Dec;6(11):64–77. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1806-64452009000200004> DPE/Grupo de trabalho de Deficiência Divulgação dos resultados gerais. [s.l.: s.n.].Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afae04d79830f73a16136dba23b9.pdf>.

FERREIRA, Felipe. **Educação inclusiva: quais os pilares e o que a escola precisa fazer?** Atualizado em: 29 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.proesc.com/blog/educacao-inclusiva-o-que-a-escola-precisa-fazer/>. Acesso em: 23 set. 2024.

KIUPPIS, Florian (2018) **Inclusion in sport: disability and participation, *Sport in Society*, 21:1, 4-21, DOI: 10.1080/17430437.2016.1225882**

FORESTI, Taimara; BOUSFIELD, Andréa Barbará da Silva. **A compreensão da deficiência a partir das teorias dos modelos médico e social.** Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 22, n. 55, p. 654-667, dez. 2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2022000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 maio 2024.

FRANÇA, T. H. (2013). **Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. *Lutas Sociais*, 17(31),59-73. <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/25723/18359>**

FRENCH, Stephen; DEPOY, Elizabeth (2000). **Multiculturalism and Disability: a critical perspective. *Disability and Society*. v.15 n.2**

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODLEY, D. **Dis/entangling critical disability studies**. *Disability and Society*, v. 28, n. 5, p. 631–644, 2013.

Grenier M, COLLINS K, WRIGHT S, KEARNS C. **Perceptions of a disability sport unit in general physical education**. *Adapt Phys Activ Q*. 2014 Jan;31(1):49-66. doi: 10.1123/apaq.2013-0006. PMID: 24385441.

Grenier, M., & BOURGOIN, B. (2018). **Examining the Impact of Disability Sports Unit on Students' Perceptions of Disability**.

Holloway, I., & TODRES, L. (2003). **The status of method: flexibility, consistency and coherence**. *Qualitative Research*, 3(3), 345-357.

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> ; Acesso em 23, set, 2024

Journal of Physical Education, Recreation & Dance. (2019). **Should disability sport be a unit within a middle or high school general physical education class?** 90:5, 57 -60, DOI: 10.1080/07303084.2019.1583030

LANGE DE SOUZA, D.; CIDADE, R. E. **Explorando diferentes faces do capacitismo e da luta anticapacitista: considerações sobre alguns discursos midiáticos relacionados com os jogos paralímpicos**. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 24, n. 1, p. 143–164, 2023.

LARA, Fabiane Matos. PINTO, Celeida Belchior Garcia Cintra. **A importância da educação física como forma inclusiva numa perspectiva docente**. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/4293/349>. Acesso em: 22 de set. 2024.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>.

Lima, T., & COSTA, L. (2021). **Educação inclusiva: desafios enfrentados por alunos autistas**. *Educação Especial em Debate*.

Matrículas na educação especial chegam a mais de 1,7 milhão. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/matriculas-na-educacao-especial-chegam-a-mais-de-1-7-milhao>>.

MELLO, A. G. de. (2016). **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em**

MENDES, E. G. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

Meyer, A., Silva, T., & COSTA, L. (2020). **Acessibilidade e inclusão: um estudo sobre as dificuldades enfrentadas por cadeirantes.** Journal of Disability Studies

MOTA PH dos S, BOUSQUAT A. **Deficiência: palavras, modelos e exclusão.** Saúde debate [Internet]. 2021Jul;45(130):847–60. Available from: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202113021>

Perez, V. S. (2012). **Pessoa com deficiência = pessoa incapaz? um estudo acerca do estereótipo e do papel da pessoa com deficiência nas organizações.** Cadernos EBAPE.BR, 10(4), 883–893. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000400007>

Pesquisa da UFSC. Ciência & Saúde Coletiva, 21(10), 3265–3276. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>

RODRIGUES, D. **A Educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas.** Revista da Educação Física da UEM, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003.

SALERNO, M. B.; ARAÚJO, P. F. DE. **Esporte adaptado como tema da educação física escolar.** Conexões, v. 6, p. 212–221, 2008.

SILVA A de AC e, MARQUES RFR, PENA LG de S, MOLCHANSKY S, BORGES M, Campos LFCC de et al. **Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas.** Rev bras educ fís esporte [Internet]. 2013Oct;27(4):679–87. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000010>

SILVA, J., & SANTOS, M. (2021). **Atitudes sociais em relação à deficiência: desafios para a inclusão.** Revista de Psicologia Social.

SILVA, L. M. da. (2006). **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência.** Revista Brasileira De Educação, 11(33), 424–434. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300004>

SOUZA, J. V. De; BISPO, R. S.; SANTOS, E. A.; MENDES, A. M. S.; FERNANDES, E. S.; PINTO, H. L. G.; SQUARCINI, C. F. R. **O Esporte Paralímpico: Vivências Práticas**. Revista Profissional da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, [S. l.], v. 12, n. 1, p.17–24, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/adapta/article/view/7857>. Acesso em: 2 ago. 2024.

VIEIRA, C. M. **Programa informativo sobre deficiência mental e inclusão: efeitos nas atitudes e concepções de crianças não-deficientes**. 2006. 208p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) –Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2006.

APENDICE A – Instrumento de coleta de dados

PERCEPÇÕES SOBRE DEFICIÊNCIA E ESPORTES ADAPTADOS

QUESTIONÁRIO PRÉ-INTERVENÇÃO

- Idade
- Turma
- Gênero
- É pessoa com deficiência? Se sim, qual?
- Convive com alguma pessoa com deficiência?
- Já teve contato com esportes Adaptados? Se sim, quais?
- Quando lê ou escuta a palavra deficiência, quais palavras vêm a sua mente?
Cite 5.

QUESTIONÁRIO PÓS-INTERVENÇÃO

- Em qual dia você realizou a prática?

25/04 (quinta) 8º A 8º C

30/04 (terça) 8º B 8º E

02/05 (quinta) 8º D 8º F
- Qual prática você mais gostou? Por quê?
- Como se sentiu ao realizar as práticas de esportes adaptados?

Insira sua resposta

- Qual das práticas de esporte adaptado foi mais desafiadora pra você? Por quê?
- Quais os principais aprendizados você teve com as práticas de esportes adaptados?
- Quando pensa na palavra deficiência, quais palavras vêm à sua mente? Cite 5 palavras.